

# O TEMPO NO TEXTO<sup>1</sup>

PAULO NUNES DA SILVA  
(Universidade Aberta)

*ABSTRACT: The main goal of the investigation that is presented in this article is to establish the temporal and aspectual properties of these four types of textual sequences: narrative, descriptive, explicative and argumentative (cf. Adam (1992)). Our analysis takes into account Vendler's (1967) classification of situation types and the theoretical framework of Kamp and Reyle's (1993) Discourse Representation Theory. The relevant factors that are under scrutiny in our analysis are situation types, verbal tenses, time adverbials, connectives with temporal value, and discourse relations.*

*Among the conclusions of this investigation, we argue that narrative and descriptive sequences show important differences in terms of temporal and aspectual properties. Narrative sequences typically include events, and the temporal relation of precedence is clearly dominant. Descriptive sequences typically include stative situations, and the temporal relation of overlapping is dominant. Both explicative and argumentative sequences share these properties: they may include either events or states, and either the temporal relations of precedence or overlapping may be dominant.*

*KEYWORDS: tense; time adverb; aspectual class; textual sequence; discourse relation*

## 1. O tema e os objectivos da investigação

Nos últimos anos, foram publicadas importantes reflexões sobre o complexo tema da expressão do tempo nas línguas naturais. Entre os temas desenvolvidos, destacam-se os que dizem respeito aos valores temporais e discursivos dos tempos verbais do português, às relações entre tempo e aspecto, aos adverbiais temporais e aos subdomínios de significação associados à expressão do tempo.

Há actualmente um conjunto de teorizações disponíveis que permitem abordar a expressão do tempo nas línguas naturais com crescente rigor e com

---

<sup>1</sup> Uma primeira versão deste trabalho foi apresentada no II Fórum de Partilha Linguística (CLUNL, Julho de 2007).

O trabalho agora apresentado constitui um resumo da minha dissertação de doutoramento – O Tempo no Texto – apresentada à Universidade Aberta em 2005.

resultados inovadores. Todavia, apesar da recente proliferação de estudos sobre o tempo e o aspecto em língua portuguesa, há, naturalmente, vastas áreas por explorar. Uma das áreas em que se verificava a inexistência de investigações sistemáticas radicava na determinação das especificidades temporais e aspectuais dos diferentes tipos de sequências textuais. De facto, não existiam ainda estudos comparativos, efectuados a partir de textos reais, acerca das propriedades temporais e aspectuais que prototipicamente caracterizam cada um dos seguintes tipos sequenciais: narrativo, descritivo, explicativo e argumentativo.

Propusemo-nos, por isso, realizar um estudo, situado na confluência das áreas da Semântica Temporal e da Linguística Textual, que consistiu na análise da expressão do tempo em textos que actualizam protótipos sequenciais monogerados. Procurámos comprovar se, a diferentes tipos de sequências, correspondem diferentes propriedades temporais e aspectuais. A nossa intuição de sujeito falante, assim como reflexões e estudos parcelares já desenvolvidos, apontavam nesse sentido.

Pretendemos averiguar se é pertinente associar a cada tipo sequencial o uso preferencial de um tempo verbal, de uma classe de situações, de uma dada relação discursiva, de valores elevados ou baixos de ocorrência de adverbiais temporais, e de relações temporais de sequencialidade ou de sobreposição entre as situações referidas.

Deste modo, os objectivos gerais da investigação foram delimitados pelo seguinte grupo de questões:

– em que difere a expressão do tempo nos diferentes tipos de sequências textuais?

– a nível da sua temporalidade, quais são as propriedades prototípicas de cada um dos tipos sequenciais monogerados?

– entre os mecanismos de que se servem os sujeitos falantes para expressar o tempo nos textos, há algum que se revele determinante nos textos que actualizam cada um dos protótipos sequenciais? Ou, pelo contrário, é a acção conjunta de todos esses mecanismos que lhes molda a temporalidade?

– estabelecidas as especificidades que cada um dos tipos de sequência manifesta a nível da expressão do tempo, poder-se-á concluir que também as suas propriedades temporais e aspectuais contribuem para identificar e legitimar as oposições entre os quatro protótipos sequenciais monogerados (tal como as motivações pré-linguísticas e a intencionalidade comunicativa que lhes subjaz)? Por outras palavras, as propriedades temporais e aspectuais que eles evidenciam constituem igualmente critérios pertinentes que possibilitam a distinção entre sequências textuais de classes diferentes?

A hipótese de trabalho de partida consistiu, portanto, na asserção seguinte: a diferentes tipos de sequências textuais correspondem diferentes propriedades temporais e aspectuais a nível:

- dos tempos verbais;
- das classes aspectuais;
- dos adverbiais temporais;

- das relações discursivas entre enunciados;
- das relações temporais entre as situações referidas em cada tipo de texto (sequencialidade, sobreposição).

## 2. A estrutura e o modelo teórico adoptado na elaboração da dissertação

Para testar a nossa hipótese de trabalho, responder adequadamente às perguntas formuladas e atingir os objectivos propostos, delineámos um percurso que se reflectiu na estrutura da dissertação.

Dividimos o nosso trabalho em duas partes, a que correspondem duas etapas distintas do percurso definíveis, *grosso modo*, da seguinte maneira: primeiro, estabelecemos o modelo de análise; depois, analisámos as sequências textuais seleccionadas.

Na primeira parte, reflectimos sobre as teorizações disponíveis que, de algum modo, se revelam importantes para uma investigação que tem como objecto a expressão do tempo e que incide sobre o nível de análise textual. Por outras palavras, desenvolvemos uma reflexão crítica sobre abordagens possíveis e justificámos as nossas opções teórico-metodológicas. Na segunda parte, procedemos à análise de textos reais, com base nas opções que tomámos na primeira parte.

No capítulo 1, salientámos a pertinência da abordagem textual para dar conta de fenómenos para os quais o contributo da abordagem frásica é insuficiente, designadamente a temporalidade das sequências discursivas. Apresentámos uma panorâmica sobre a evolução da Linguística Textual, pontuando pelos contributos mais relevantes – desde as reflexões precursoras de Weinrich e de Benveniste (ainda situadas no âmbito das teorias enunciativas), até às teorizações de Halliday e Hasan, de van Dijk, de Beaugrande e Dressler, e de Adam. Assinalámos as origens desta disciplina, assim como os seus fundamentos teóricos, a sua evolução, os principais objectivos e os conceitos operatórios mais relevantes. Concomitantemente, justificámos a importância da abordagem da temporalidade a nível textual, e procedemos à definição do conceito de texto/discurso, e de outros conceitos que lhe são inerentes, como a noção de coerência. Concluimos o capítulo expondo um conjunto de reflexões sobre as questões da interpretação do discurso e das classificações textuais. Um dos pontos de partida da nossa investigação residiu na tipologia sequencial proposta por Adam (1992). O autor fez incidir a base de tipologização da sua classificação no nível da sequência textual, e não no nível da totalidade do texto, por razões que se prendem com a heterogeneidade que frequentemente caracteriza os produtos verbais – a heterogeneidade sequencial consiste na ocorrência, no âmbito de um texto, de várias sequências de diversos tipos. A sua classificação prevê, então, a existência de cinco protótipos sequenciais: um poligerado (dialogal) e quatro monogerados (narrativo, descritivo, explicativo e argumentativo). Esta tipologia serviu de base à selecção do *corpus* que analisámos.

No capítulo 2, desenvolvemos um conjunto de reflexões sobre as tipologias de estados de coisas. Num trabalho que tem como objecto a expressão do tempo em diferentes tipos de sequências, é essencial tomar em consideração as classes aspectuais em que se inserem os estados de coisas referidos no discurso. No desenvolvimento actual das investigações, é um dado assente que a estrutura temporal interna das situações denotadas constitui um ponto decisivo para o estabelecimento da localização temporal dos estados de coisas em causa, e, mais especificamente, para a determinação das relações temporais entre duas ou mais situações referidas no discurso. Explicitámos, por isso, as mais relevantes teorizações e classificações disponíveis, designadamente as de Vendler (1967) e de Moens (1987). Justificámos a adopção da tipologia de Vendler (1967), segundo a qual todas as situações referidas são susceptíveis de integrar um dos seguintes quatro tipos de estados de coisas: eventos instantâneos, eventos prolongados, actividades e estados. Sublinhámos, ainda, outros contributos essenciais, como o conjunto de testes, proposto por Dowty, que permite identificar cada uma das classes aspectuais, e a definição de conceitos operatórios importantes, como os de núcleo aspectual e de rede aspectual, tal como foram concebidos por Moens (1987). Este autor propôs que se considerasse a existência de uma oposição primária entre situações eventivas e situações estativas que se revela pertinente em função do predomínio de cada um dos dois grupos de situações em diferentes protótipos sequenciais. Por outro lado, a descrição das diferentes classes aspectuais com base no conceito de núcleo aspectual – uma entidade tripartida (composta por processo preparatório, culminação e estado consequente) que permite a descrição da estrutura de todas as situações – constitui uma contribuição teórica importante para a compreensão adequada da sua estrutura temporal interna. Por fim, a rede aspectual – que prevê as diferentes possibilidades de comutação aspectual, assim como as fases inerentes ao conceito de núcleo que lhes estão associadas – permite obter uma compreensão global dos fenómenos que desencadeiam as transições de classe (como os elementos decisivos para a comutação de classe aspectual, e a natureza composicional do aspecto, por exemplo). A rede aspectual (a que é inerente o conceito de transição aspectual, segundo o qual uma situação básica em interacção com outros elementos discursivos pode evoluir para uma situação derivada de tipo diferente) sublinha a composicionalidade do aspecto, ou seja, o facto de a determinação do valor aspectual de um enunciado estar dependente de diversos elementos que ocorrem no enunciado – nomeadamente os tempos verbais, os operadores aspectuais, os adverbiais temporais, o valor semântico do argumento interno complemento directo e do argumento externo.

Enquanto mecanismo central da temporalidade no discurso, os tempos verbais são abordados em dois capítulos: um em que salientámos propostas de tratamento do seu significado referencial, e outro em que explicitámos propostas de abordagens discursivas.

No capítulo 3, reflectimos acerca de questões relacionadas com a localização temporal, designadamente sobre a função de localização própria dos

tempos verbais e dos adverbiais temporais. Destacámos a teorização de Reichenbach sobre a análise dos tempos verbais baseada em três coordenadas temporais. Quanto ao tratamento integrado da informação temporal-aspectual, seguimos, em linhas gerais, as propostas de Kamp e Reyle (1993). Estes autores desenvolveram uma teoria bidimensional da expressão do tempo – a *Teoria da Representação do Discurso* –, em que é contemplada a articulação entre a informação estritamente temporal e a informação aspectual veiculada pelos enunciados. Os autores integraram na sua proposta de análise os conceitos, inicialmente propostos por Reichenbach, de momento da enunciação, momento do evento e ponto de referência (conceito que, em Kamp e Reyle (1993), foi desdobrado em ponto de perspectiva temporal e em ponto de referência). Num determinado texto, as relações temporais (de anterioridade, sobreposição ou posterioridade) atestadas entre os intervalos de tempo inerentes a cada um dos conceitos permitem estabelecer a ordem temporal entre as situações denotadas no discurso. Dado o tratamento anafórico que os autores propõem para a análise da expressão do tempo, a sua teoria revela-se particularmente adequada para as investigações que incidem no nível textual. Também seguimos estes autores quanto à classificação tripartida dos adverbiais temporais – de localização, de duração e de frequência. A articulação da *Teoria da Representação do Discurso* com reflexões da área da coerência relacional – nomeadamente com as relações discursivas previstas no âmbito da *Teoria da Estrutura Retórica* de Mann e Thompson (1987) – permitiu integrar, num mesmo modelo de análise, o conhecimento linguístico e o conhecimento enciclopédico. Esta teorização estabelece um conjunto finito de relações discursivas (ou retóricas) entre os enunciados de um texto, possibilitando a explicitação das relações de significado inferíveis entre as situações denotadas nos textos. Entre as relações discursivas previstas pelos autores, as mais relevantes em termos de informação e ordenação temporal dos estados de coisas denotados (uma vez que implicam sequencialidade ou sobreposição entre as situações) são as seguintes: *NARRAÇÃO*, *CAUSA*, *RESULTADO*, *ELABORAÇÃO* e *SEGUNDO PLANO*.

No capítulo 4, abordámos os valores discursivos dos tempos verbais. Destacámos as propostas de Labov, de Hopper e de Fleischman, designadamente no que diz respeito à oposição entre um primeiro e um segundo plano narrativo. Embora as suas propostas evidenciem divergências significativas, todos estes autores argumentaram a favor da ideia segundo a qual a importância relativa dos conteúdos denotados nos textos se reflecte na estrutura linguística dos textos em que ocorrem, nomeadamente nos tempos verbais seleccionados ou na estrutura sintáctica das frases complexas. Os tempos verbais desempenham, deste modo, um papel relevante, quer no estabelecimento, quer no reconhecimento desses dois planos. De facto, o uso alternado de tempos verbais como pretérito perfeito e pretérito imperfeito na narrativa projecta algumas situações para um primeiro plano (as que são denotadas por frases no pretérito perfeito), relegando outras para um segundo plano (as que são referidas por frases no pretérito imperfeito).

Delimitada a área de investigação em que nos situámos, e esboçado o modelo descritivo de que nos servimos, reservámos a segunda parte da dissertação para analisar os mecanismos de expressão do tempo em diferentes tipos de sequências textuais: no capítulo 5, numa sequência narrativa; no capítulo 6, numa sequência descritiva; no capítulo 7, numa sequência explicativa; e, no capítulo 8, numa sequência argumentativa.

No capítulo 6, relativo à sequência descritiva, incluímos ainda uma secção em que analisámos uma sequência que actualiza o género discursivo texto de instruções. Procedemos à aplicação do modelo de análise que adoptámos a um género discursivo pouco estudado. Trata-se do desenvolvimento de uma investigação anteriormente iniciada – cf. Silva (2005b); a comparação directa com sequências de tipo narrativo e descritivo permitiu-nos extrair conclusões mais sustentadas. Nessa secção pretendemos, com base nas propriedades temporais e aspectuais atestadas, dar resposta à seguinte questão: os textos de instruções constituem exemplos de sequências narrativas ou de sequências descritivas? A análise evidenciou, igualmente, as propriedades temporais e aspectuais mais relevantes dos textos que se integram no género discursivo texto de instruções, designadamente no sub-género “modo de emprego”.

### 3. A selecção do *corpus* e a metodologia de análise textual

Antes de explicitar os resultados da investigação, justifica-se apresentar uma reflexão sobre dois pontos: a selecção do *corpus* e a metodologia de análise adoptada.

Sobre a selecção dos textos analisados na nossa investigação, partimos do princípio de que num estudo como o que pretendíamos realizar, era aconselhável evitar – numa primeira fase, pelo menos – a análise de sequências textuais heterogéneas. Os textos em que são atestadas sequências de diversos tipos envolvem fenómenos que é pertinente estudar (como, por exemplo, as marcas linguísticas que assinalam a passagem de uma sequência a outra), mas não numa investigação cujo objectivo central recai na expressão do tempo. Procurámos, por conseguinte, seleccionar sequências que se caracterizam, tanto quanto possível, por serem homogéneas.

Decorre deste critério a rejeição da análise de uma sequência de tipo dialogal. De facto, as sequências dialogais, enquanto sequências poligeradas, são frequentemente compostas por sequências de vários tipos, pelo que são susceptíveis de ser descritas com base nos protótipos sequenciais monogerados. Por outras palavras, um diálogo pode geralmente ser decomposto em sequências de tipo narrativo, de tipo descritivo, de tipo explicativo e de tipo argumentativo. Além disso, as sequências dialogais integram outros fenómenos de elevada complexidade (relacionados com os modos de abertura e de encerramento, e com a passagem da palavra a um e outro locutor, por exemplo) que, sendo relevantes no âmbito da análise conversacional, não o são numa investigação como a que vamos concretizar.

Optámos, também, por analisar um único texto de cada tipo de sequência. Esta opção revelou-se preferível a outras (como, por exemplo, analisar vários textos que actualizassem exclusivamente um único protótipo sequencial), na medida em que permitiu desenvolver uma panorâmica geral sobre os mecanismos de expressão do tempo em cada um dos tipos de sequências. Com base nestas conclusões iniciais, será mais produtivo desenvolver investigações sobre os mesmos tipos sequenciais mas em textos que apresentem características diferentes (a nível do género discursivo ou do tempo verbal predominante, entre outras). Desse modo, poder-se-á, com mais propriedade, confirmar ou infirmar as principais ideias a que esta investigação nos conduziu.

A escolha dos textos foi precedida da análise de um número significativo de sequências que actualizam cada um dos protótipos sequenciais monogerados. Assumimos, portanto, a responsabilidade de seleccionar, para cada tipo de sequência, um texto representativo, que se insere claramente (a sua estrutura macroproposicional evidencia-o) num dado tipo sequencial. Por outro lado, a extensão de cada texto deveria ser suficientemente longa de modo a permitir que se extraíssem conclusões relevantes e, igualmente, representativas.

Para que os textos se caracterizassem também pela homogeneidade, a nível do horizonte temporal em que emergiram e da contemporaneidade relativamente ao intervalo em que se realizou a investigação, escolhemos apenas sequências textuais escritas publicadas após o ano de 1990.

Por fim, quanto à questão dos géneros discursivos, para que os resultados obtidos fossem representativos dos protótipos sequenciais em questão, julgámos ser relevante analisar textos que se inserem em diferentes géneros. Desse modo, ficou garantido que as propriedades atestadas ao longo da nossa investigação se revelam típicas, não de um dado género discursivo, mas de cada um dos diferentes tipos de sequências estudados. Assim, quer na fase preliminar de análise de um número significativo de textos, que precedeu a selecção das sequências, quer na fase de escolha das quatro sequências a analisar, assegurámos que os textos se caracterizam pela diversidade a nível do género discursivo em que se inserem, pelo que as sequências analisadas enquadram-se em géneros tão diversos como o dicionário temático, o manual escolar ou a crónica jornalística.

Em suma, o *corpus* analisado na nossa investigação é composto por textos escritos, reais, contemporâneos (publicados após 1990) e inserem-se em diferentes géneros discursivos.

Quanto à metodologia que seguimos, procurámos explicitar em cada uma das sequências analisadas e pela ordem apresentada, os seguintes pontos:

- a estrutura macroproposicional da sequência textual;
- as formas verbais que ocorrem em cada texto;
- as classes aspectuais em que se inserem as situações referidas nas sequências textuais;
- os adverbiais temporais atestados nos textos;

- as relações discursivas inferíveis entre os enunciados de cada sequência textual;
- as relações temporais entre todas as situações referidas em cada texto analisado.

Esta metodologia revelou-se particularmente vantajosa pelo facto de, numa primeira fase, permitir explicitar e listar todos os factores envolvidos na expressão do tempo, possibilitando, numa segunda fase, observar a interacção entre esses factores e os seus efeitos na temporalidade de cada sequência textual.

#### 4. Conclusões principais

Propomo-nos explicitar, agora, as principais conclusões que extraímos da análise efectuada.

A sequencialidade temporal e o predomínio de situações eventivas constituem as ideias-chave na expressão do tempo em sequências narrativas. Quanto às sequências descritivas, as duas propriedades prototípicas que lhes associamos consistem na ocorrência predominante de situações estativas e na existência de relações temporais de sobreposição entre essas situações. Às sequências de tipo explicativo e argumentativo não foi possível associar qualquer mecanismo de expressão do tempo ou qualquer relação temporal que lhes seja prototipicamente inerente.

Os quadros comparativos que apresentamos retomam as principais características temporais e aspectuais de cada uma das sequências analisadas, e comprovam as conclusões que atrás enunciámos. Começemos pelo quadro que diz respeito à ocorrência predominante de tempos verbais.

PROTÓTIPO	TEMPO VERBAL	%	
		Total	O. P.
SEQUENCIAL	DE BASE		
<b>Narrativo</b>	Pretérito perfeito simples	<b>53,9</b>	<b>93,3</b>
<b>Descritivo</b>	Presente	<b>62,5</b>	<b>100,0</b>
<b>Explicativo</b>	Presente	<b>77,3</b>	<b>100,0</b>
<b>Argumentativo</b>	Presente	<b>59,3</b>	<b>100,0</b>

Distinguimos, em duas colunas, a taxa de ocorrência total dos tempos verbais em cada uma das sequências (na coluna *total*), e a taxa de ocorrência desses mesmos tempos verbais em orações principais (na coluna *O.P.*). Ao longo da nossa investigação, revelou-se adequada a ideia segundo a qual as orações subordinantes incluem os conteúdos mais relevantes – os que se integram no primeiro plano –, configurando a linha narrativa principal neste tipo sequencial. A mesma ideia (de que os conteúdos mais relevantes estão incluídos nas orações principais) é válida, aliás, para os restantes protótipos sequenciais.



Na sequência narrativa analisada, o pretérito perfeito simples ocorre em 53,9 % das orações, predominando claramente. Mas se tivermos em consideração apenas as frases simples e as orações principais, esse valor sobe para 93,3 %. Na sequência descritiva, o presente ocorre em 62,5 % das orações. Mas, considerando apenas as frases simples e as orações principais, esse valor sobe para 100 %.

Deste modo, os valores indicados na coluna relativa à taxa de ocorrência em orações principais são particularmente relevantes, porquanto eles demonstram, com maior nitidez, o elevado grau de preponderância de cada um dos tempos verbais em causa. O pretérito perfeito simples favorece a existência de relações temporais de sequencialidade entre as situações denotadas. O presente, pelo contrário, favorece o estabelecimento de relações temporais de sobreposição entre os estados de coisas referidos.

Em sequências narrativas, o pretérito perfeito simples constitui, geralmente, o tempo verbal de base; nas sequências que actualizam outros protótipos sequenciais monogerados, é frequentemente o presente do indicativo o tempo verbal de base. Todavia, há sequências narrativas em que predominam outros tempos verbais: o presente, em situações de relato quase simultâneo; o pretérito imperfeito, em contexto de discurso indirecto livre, no texto literário. Também há sequências descritivas em que ocorrem predominantemente outros tempos verbais que não o presente: o pretérito imperfeito ou o futuro do indicativo. E o mesmo raciocínio se aplica às sequências explicativas e às sequências argumentativas. Deste modo, a ocorrência predominante de um dado tempo verbal constitui uma tendência, mas não uma propriedade prototípica dos tipos de sequências analisados.

Vejam, agora, o quadro relativo às taxas de ocorrência de adverbiais temporais atestados nas sequências estudadas.

PROTÓTIPO SEQUENCIAL	ADVERBIAIS TEMPORAIS ATESTADOS	TAXA DE OCORRÊNCIA
<b>Narrativo</b>	<b>17 (em 65 proposições)</b>	<b>26,2 %</b>
<b>Descritivo</b>	<b>1 (em 16 proposições)</b>	<b>6,3 %</b>
<b>Explicativo</b>	<b>2 (em 22 proposições)</b>	<b>9,1 %</b>
<b>Argumentativo</b>	<b>3 (em 27 proposições)</b>	<b>11,1 %</b>

Observa-se a tendência para serem atestados mais adverbiais temporais na sequência narrativa do que nos restantes tipos de sequências. As taxas de ocorrência dos adverbiais temporais não constituem, porém, uma propriedade prototípica das sequências analisadas. De facto, há sequências narrativas com valores de ocorrência dos adverbiais temporais mais baixos, e sequências descritivas, explicativas e argumentativas com valores mais elevados. Assim, as taxas observadas correspondem apenas a tendências e não a propriedades atestadas em todos os textos que actualizam cada um destes quatro protótipos sequenciais.

Há, todavia, uma pista que pode constituir a base para um trabalho de investigação: na sequência narrativa, em três casos, os adverbiais temporais

assinalam a transição entre macroproposições, marcando o início de uma nova macroproposição. A importância dos advérbios temporais para assinalar a passagem de uma macroproposição a outra é um trabalho que está por fazer e que pode revelar conclusões relevantes.

De seguida, apresentamos o quadro relativo às classes aspectuais atestadas.

PROTÓTIPO	EVENTOS	ESTADOS
SEQUENCIAL	%	%
<b>Narrativo</b>	<b>83,3</b>	<b>16,7</b>
<b>Descritivo</b>	<b>0,0</b>	<b>100,0</b>
<b>Explicativo</b>	<b>0,0</b>	<b>100,0</b>
<b>Argumentativo</b>	<b>0,0</b>	<b>100,0</b>

A partir da distinção básica entre estados e eventos, proposta por Moens (1987), verifica-se que a sequência narrativa apresenta um claro predomínio de situações eventivas, enquanto nas restantes sequências são atestadas unicamente situações estativas.

No caso das classes aspectuais em que se integram as situações representadas nas sequências narrativa e descritiva, estamos em presença de uma propriedade prototípica. Não só devido aos valores revelados nos textos que analisámos, mas, sobretudo, porque a associação entre sequência narrativa e eventos, por um lado, e entre sequência descritiva e estados, por outro, foi sistematicamente observada nos textos que serviram de referência para a selecção das sequências textuais que vieram a constituir objecto de análise neste trabalho.

Os valores apresentados delimitam, portanto, uma fronteira nítida entre os dois tipos de sequências. Prototipicamente, nas sequências narrativas, são representadas situações que se inserem na classe dos eventos. Em sequências descritivas, são representadas situações estativas.

Observámos que, na sequência descritiva analisada, ocorrem predominantemente estados lexicais, enquanto nas sequências explicativa e argumentativa ocorrem sobretudo estados habituais. Este dado, contudo, não deve ser generalizado, ou seja, não se pode concluir que constitua uma propriedade geral de cada um destes três tipos de sequência. Na verdade, há sequências descritivas em que predominam estados habituais, e sequências explicativas e argumentativas em que predominam estados lexicais.

O quadro seguinte assinala as ocorrências identificadas das relações discursivas mais relevantes em cada uma das sequências analisadas.

No que diz respeito às relações discursivas mais atestadas nos textos que actualizam os diversos protótipos sequenciais, verificámos que, na sequência narrativa, predominam as relações de *NARRAÇÃO* e de *RESULTADO* – relações discursivas às quais associamos sequencialidade temporal entre as situações denotadas, quando estão envolvidos eventos.

PROTÓTIPO SEQUENCIAL	RELAÇÕES DISCURSIVAS PREDOMINANTES	OCORRÊNCIAS IDENTIFICADAS
<b>Narrativo</b>	<i>NARRAÇÃO, RESULTADO</i>	<b>11 e 8 (em 32)</b>
<b>Descritivo</b>	<i>ELABORAÇÃO</i>	<b>2 (em 5)</b>
<b>Explicativo</b>	<i>RESULTADO</i>	<b>8 (em 12)</b>
<b>Argumentativo</b>	<i>RESULTADO, LISTA</i>	<b>4 e 4 (em 13)</b>

No caso da sequência descritiva estudada, destaca-se a relação de *ELABORAÇÃO*, não só pelo número de ocorrências registado, mas, sobretudo, pelo papel decisivo que desempenha na organização textual, uma vez que envolve todos os enunciados dessa sequência.

Na sequência explicativa que analisámos, predomina a relação de *RESULTADO*. É também a relação de *RESULTADO*, juntamente com a relação de *LISTA*, que predomina na sequência argumentativa por nós seleccionada.

No caso específico destes dois protótipos sequenciais, os resultados estão de acordo com as propriedades que tipicamente lhes são associadas: as sequências explicativa e argumentativa caracterizam-se pela expressão de valores de causalidade. Mas também a ocorrência das relações discursivas de *NARRAÇÃO* e de *RESULTADO*, na sequência narrativa, e de *ELABORAÇÃO*, na sequência descritiva, são coerentes com as propriedades destes protótipos sequenciais.

A associação entre os dados relativos à ocorrência de tempos verbais e de classes aspectuais com os dados relativos às relações discursivas predominantes é particularmente significativa no caso das sequências narrativa e descritiva. A interacção entre o pretérito perfeito simples, situações da classe dos eventos e as relações discursivas de *NARRAÇÃO* e de *RESULTADO* aponta para a existência de relações temporais de sequencialidade entre os estados de coisas referidos na sequência narrativa. A interacção entre o presente do indicativo, situações da classe dos estados e a relação discursiva de *ELABORAÇÃO* aponta para a existência de relações temporais de sobreposição entre as situações denotadas na sequência descritiva.

Recordamos que uma das questões a que nos propusemos dar resposta no início da investigação foi a seguinte: algum dos factores inerentes à expressão do tempo no texto se revela predominante em cada uma das sequências, ou, pelo contrário, é a interacção entre todos que modela a sua temporalidade? As conclusões expostas demonstram que foi com base na interacção entre os factores enumerados – tempos verbais, adverbiais temporais, classes aspectuais e relações discursivas – que pudemos esboçar uma marca própria e distintiva para cada uma das sequências analisadas.

As sequências explicativa e argumentativa revelaram, contudo, grandes afinidades. Por isso, deve ser salientada a dificuldade em discriminar os tipos sequenciais explicativo e argumentativo apenas com base nas marcas linguísticas de superfície (designadamente, a ocorrência de formas verbais no presente do indicativo, e de conectores com valor causal). É necessário recorrer quer à estrutura macroproposicional, quer ao género discursivo, quer

a factores de natureza pragmática (por exemplo, o estatuto socioprofissional dos interlocutores e os papéis sociais que desempenham no intervalo de tempo da enunciação) para se determinar se estamos em presença de uma sequência explicativa ou de uma sequência argumentativa.

O objectivo principal da nossa investigação foi resumido nas seguintes questões: que especificidades caracterizam a expressão do tempo nos textos que actualizam os protótipos sequenciais monogerados – narrativo, descritivo, explicativo e argumentativo? Em que difere a expressão da temporalidade em cada um destes tipos sequenciais?

A sequência narrativa analisada apresenta um quadro temporal definido pelo predomínio dos seguintes elementos:

- pretérito perfeito;
- situações eventivas;
- elevada taxa de ocorrência de adverbais temporais;
- relações discursivas de *NARRAÇÃO* e de *RESULTADO*.

Da conjugação destes elementos, resulta que a sequencialidade entre as situações referidas no texto constitui a relação temporal predominante. Sugerimos, por isso, que as propriedades prototípicas da sequência narrativa, a nível da expressão do tempo, sejam a ocorrência de eventos e a relação temporal de sequencialidade. Quanto ao tempo verbal, ele não constitui uma propriedade prototípica da sequência narrativa, uma vez que há sequências narrativas em que predominam as formas verbais de presente do indicativo (por exemplo, em situações de relato directo de acontecimentos desportivos).

A sequência descritiva estudada apresenta um quadro temporal definido pelo predomínio dos seguintes elementos:

- presente do indicativo;
- situações estativas;
- baixa taxa de ocorrência de adverbais temporais;
- relação discursiva de *ELABORAÇÃO*.

A sobreposição temporal entre as situações denotadas constitui a relação temporal que predomina na sequência descritiva. Argumentámos, portanto, que a ocorrência de situações estativas e a relação de sobreposição temporal entre essas situações constituem as propriedades prototípicas, a nível temporal, da sequência descritiva.

Às sequências de tipo explicativo e argumentativo não foi possível associar qualquer propriedade temporal prototípica. Assim, entre os factores que contribuem para a expressão do tempo, somente a nível das classes de estados de coisas e das relações temporais que se estabelecem entre as situações denotadas é pertinente procurar propriedades prototípicas, e apenas no caso das sequências narrativas e das sequências descritivas.

A investigação que realizámos demonstrou, portanto, que é pertinente estabelecer uma oposição entre sequências narrativas e sequências descritivas. Estes dois protótipos podem ser concebidos como constituindo os dois pólos de um *continuum*. A nível da representação da temporalidade, qual-

quer texto pode actualizar um dos pólos ou aproximar-se mais de um ou de outro pólo.

Dada a intersecção de duas representações das situações referidas nas sequências explicativa e argumentativa que analisámos (uma que focaliza os estados habituais denotados, e outra que privilegia a ocorrência episódica das situações eventivas que originaram os estados habituais), a temporalidade dos dois textos analisados caracteriza-se por um grau de complexidade mais elevado. Observa-se sobreposição temporal entre as situações, a nível da sua projecção genérica, e, em alguns casos, sequencialidade temporal e inclusão temporal, a nível da representação episódica de um grupo restrito de situações. Estes dois tipos de sequências não permitem, pois, ser integrados numa oposição como que a que se atesta entre sequências narrativas e sequências descritivas. Há sequências explicativas e argumentativas em que ocorrem quer situações eventivas, quer situações estativas, assim como formas verbais do pretérito perfeito. Esta ideia é reforçada pela resposta à questão que trataremos a concluir esta apresentação.

De facto, a última questão geral que colocámos no início da nossa investigação foi a seguinte: as propriedades temporais e aspectuais atestadas em cada um dos tipos de sequência contribuem para identificar (e legitimar a distinção entre) os quatro protótipos sequenciais?

Observámos que os mecanismos de expressão do tempo permitem opor claramente sequências de tipo narrativo a sequências de tipo descritivo. As sequências explicativa e argumentativa que analisámos evidenciaram grandes semelhanças com a sequência descritiva, a nível do tempo verbal predominante, da baixa taxa de ocorrência de adverbiais temporais e do predomínio de situações estativas. Sabendo-se que há sequências explicativas e argumentativas em que são atestados os mecanismos de expressão do tempo que tipicamente caracterizam uma sequência narrativa – pretérito perfeito simples, situações eventivas, taxa de ocorrência de adverbiais temporais mais elevada, relações discursivas que implicam sequencialidade temporal quando estão envolvidos eventos –, concluímos que não se pode estabelecer, de forma clara e rigorosa, uma distinção entre todos os tipos de sequências monogeradas, se se tomar como base para essa distinção unicamente os mecanismos de expressão do tempo; somente entre os protótipos sequenciais narrativo e descritivo tal se revelou viável.

Os critérios para o estabelecimento de distinções entre os protótipos sequenciais explicativo e argumentativo não residem, portanto, nestes mecanismos atestados na superfície textual. Para os distinguir é necessário convocar outros factores, dos quais salientamos a motivação pré-linguística, a intencionalidade comunicativa do locutor, o papel social de cada um dos interlocutores e a relação que mantêm entre si. Os critérios de definição e de identificação destes quatro protótipos sequenciais monogerados são, portanto, heterogéneos, porquanto, no caso das sequências narrativas e descritivas, podem incluir a classe de referentes denotados e as relações temporais atestadas, mas, no caso das sequências explicativas e argumentativas, esses critérios integram necessariamente questões de natureza pragmática.

## Referências

- Adam, Jean-Michel 1992. *Les textes: types et prototypes*. Paris: Éditions Nathan.
- Kamp, Hans & Uwe Reyle 1993. *From discourse to logic. Introduction to modeltheoretic semantics of natural language, formal logic and Discourse Representation Theory*. Dordrecht: Kluwer.
- Mann, William & Sandra Thompson 1987. Rhetorical Structure Theory: a theory of text organization. In <http://www.sfu.ca/rst/05bibliographies/report.html>.
- Moens, Marc 1987. *Tense, aspect and temporal reference*. Edinburgh: University of Edinburgh.
- Silva, Paulo Nunes da 2002. A expressão de valores temporais numa sequência narrativa. In *Vidya* 37 (Revista do Centro Universitário Franciscano de Santa Maria, RS, Brasil), pp. 179-195.
- Silva, Paulo Nunes da 2005a. *O tempo no texto*. Tese de doutoramento, Universidade Aberta.
- Silva, Paulo Nunes da 2005b. Contributos para o estudo da expressão do tempo em textos de instruções: o exemplo da receita de culinária. In Carvalho, Dulce, Dionísio Vila Maior & Rui de Azevedo Teixeira (eds.) *Des(a)fiando discursos. Homenagem a Maria Emília Ricardo Marques*. Lisboa: Universidade Aberta, pp. 587-597.
- Silva, Paulo Nunes da 2005c. A expressão do tempo num texto de instruções do sub-género “modo de emprego”. In *Actas do XXI Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística – Textos seleccionados*. Lisboa: Associação Portuguesa de Linguística, pp. 647-658.
- Silva, Paulo Nunes da 2006. A expressão do tempo numa sequência explicativa. In *Actas do XXII Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística – Textos seleccionados*. Lisboa: Associação Portuguesa de Linguística, pp. 611-623.
- Silva, Paulo Nunes da (no prelo). O tempo numa sequência descritiva. In *Actas do Encontro Internacional “Diálogos com a Lusofonia”*. Varsóvia: Universidade de Varsóvia.
- Vendler, Zeno 1967. Verbs and times. In *Linguistics in philosophy*. Ithaca: Cornell University Press, pp. 97-121.